

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE MORFOLOGIA

Vítor de Moura Vivas (IFRJ)

vitorvivas@yahoo.com.br

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

Tainá Vinco (UFRJ/IFRJ)

Felipe da Silva Vital (UFRJ/IFRJ)

Wallace Bezerra de Carvalho (UFRJ)

RESUMO

Diversos autores discutem os processos morfológicos de flexão e derivação como distintos de forma gradiente e não discreta. Dentre estes, podemos citar Bybee (1985; 2010); Booij (1996; 2006); Manova (2005); González Torres (2010); Winter (2011); Piza (2001); Gonçalves (2005; 2011). Nossa abordagem é de base funcionalista-cognitivista, visto que nos fundamentamos em noções caras ao cognitivismo como gradiência e radialidade. Propomos que as marcas modo-tempo-aspectuais (MTA) e número-pessoais (NP) não devem ser entendidas como totalmente flexionais em português. Por mais que essas partículas apresentem mais características flexionais, atributos derivacionais também existem. Desse modo, uma visão que considere uma separação gradiente entre flexão e derivação parece bastante adequada aos dados. Demonstramos, no I Congresso Ibero-Americano de Linguística Cognitiva, que as palavras morfológicamente estruturadas com elementos MTA e NP nem sempre são estáveis quanto à classe morfológica e ao significado, fundamentando-nos em critérios como lexicalização categorial, instabilidade categorial, lexicalização semântica, improdutividade, não obrigatoriedade etc. Além disso, essas marcas, em alguns momentos, estão a serviço da expansão lexical. Isso evidencia a existência de padrões derivacionais instanciados por essas marcas, que devem ser descritos e abordados na morfologia do português. Acreditamos que, quando se trata de flexão verbal, a categorização por protótipos é mais efetiva que a categorização nos moldes clássicos (aristotélicos), visto que dá conta de quaisquer dados produzidos na língua. Com a análise desses critérios apontados acima, evidenciamos que um olhar efetivo para os dados verbais do português indica que existem padrões derivacionais instanciados pelas marcas de MTA e NP. No I Congresso Ibero-Americano de Linguística Cognitiva, além de apresentar esses padrões derivacionais, evidenciamos as suas motivações formais e semânticas. Assim, objetivamos apresentar, na forma e no significado, o que faz com que apenas algumas marcas instanciem padrões derivacionais.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Morfologia. Flexão. Derivação.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é propor a necessidade de buscar novos “caminhos” para os estudos de morfologia de português no ensino médio. Geralmente, o que livros didáticos propõem no estudo dessa área está muito distante do uso. Além disso, a interface com a semântica e com o

texto não é explorada. Fundamentando-nos em autores como Gonçalves (2005; 2011a; 2011b; 2012), Gonçalves & Almeida (2014), Basílio (1987; 2010; 2011) e Vivas (2010; 2011; 2015), pretendemos, em futuros trabalhos, aplicar ao ensino o que é produzido e discutido em morfologia no âmbito acadêmico. Focalizando o uso e o texto, apresentaremos possibilidades de efetivar um ensino de morfologia, conforme o que apregoam os PCN. Este artigo é um embrião de futuros trabalhos que surgirão a partir dos estudos desenvolvidos pelo projeto de pesquisa “Morfologia e uso: por novas perspectivas para o ensino de português”, que envolve o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e o CNPq e é coordenado por Vítor de Moura Vivas. Esse projeto envolve alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Por ser um artigo inicial, há mais propostas iniciais que conclusões.

2. Problemas no ensino de morfologia

Geralmente, o ensino de morfologia é feito de maneira descontextualizada sem considerar as modificações que ocorrem no uso e a relação da morfologia com questões de produção/leitura de textos. Estudamos, com alunos da UFRJ de graduação e pós-graduação, estratégias para promover mudanças no estudo de morfologia no ensino médio. É fundamental passar a ensinar morfologia 1) atentando para o uso, 2) focalizando as mudanças e 3) observando a criatividade do falante. Pretendemos discutir a abordagem, no ensino médio, de questões referentes à interface entre morfologia e texto. Muitas vezes, em livros didáticos, o texto é usado como pretexto em questões de morfologia. Temos o objetivo de apresentar aos alunos estratégias morfológicas que influenciam diretamente na elaboração/leitura do texto.

Além de abordar a relação entre morfologia e texto, aplicaremos ao ensino outros aspectos discutidos em pesquisas acadêmicas em morfologia. No tópico processos de formação de palavras, geralmente, só a contraparte formal é explorada. Não são discutidos, muitas vezes, os aspectos semânticos envolvidos em cada processo de formação. Muitas vezes, uma forma derivada ou composta pode adquirir diversos significados e o que está na base dessas formações são as habilidades cognitivas metáfora e metonímia. O sufixo ‘-eiro’, por exemplo, apresenta diversos significados possíveis: agente profissional (‘pedreiro’); agente habitual (‘bagunceiro’); lugar (‘banheiro’); lugar natural (‘cachoeira’) instrumento (‘chuveiro’); excesso (‘louceiro’), árvore (‘bananeira’). Na formação de

todas essas palavras, ocorre a habilidade cognitiva metáfora ou metonímia.

Outro aspecto que pode ser abordado, no ensino, é a existência de processos morfológicos não concatenativos, que já foram muito estudados no âmbito acadêmico (BASÍLIO, 2010; GONÇALVES, 2004; GONÇALVES, 2011). Dentre esses processos, estão o cruzamento vocabular: chafé, portunhol, macarronese, pilantropia, aborrescente, namorido, crionça, brasiguaião; a substituição sublexical ou reanálise: boadrasta, boadrinha, bebemorar; o truncamento (‘delega’, de delegado, ‘profissa’, de profissional); a hipocorização (‘Nanda’, de Fernanda, ‘Beto’, de Roberto, ‘Luci’, de Luciana), entre outros. Também nos interessa apresentar a mudança no estatuto de elementos morfológicos. No decorrer dos anos, ocorrem modificações no uso de algumas marcas morfológicas. Radicais, por exemplo, passam a atuar como afixos; dentre estes elementos, podemos citar ‘auto’, ‘bio’, ‘tele’, ‘logo’, ‘dromo’.

Também pretendemos discutir a abordagem de modificações na flexão verbal no ensino de português. Muitas vezes, verbos conjugados são utilizados com outros significados e funções. Como exemplo, podemos citar algumas formas com sentido interjectivo (‘babou!’, ‘formou!’, ‘tomara!’) e outras que servem para caracterizar um referente (‘uma roupa cheguei’) Além disso, a utilização de tempos e pessoas verbais mudou muito com o passar dos anos; algumas formas caíram em desuso em prol de outras estratégias. Isso não pode ser deixado de lado no ensino de português.

3. Revisão de literatura

Utilizamos como aporte teórico o que vem sendo produzido em morfologia no âmbito acadêmico. Estudamos, com alunos da UFRJ de graduação e mestrado, estratégias que possibilitam a aplicação dessas pesquisas feitas no Brasil ao estudo de morfologia no ensino médio. Dentre estes autores, podemos destacar Basílio; Vivas; Gonçalves; Almeida; Lima; Thami Lage; Vialli, entre outros.

Há o objetivo de pesquisar com os alunos da UFRJ tópicos que complementem/aprimorem os estudos de morfologia aplicados durante a formação no ensino médio. Precisamos discutir com os alunos da graduação da UFRJ quais são os erros presentes na abordagem de morfologia em livros didáticos e nas atividades em sala de aula. No grupo de pesqui-

sa, abordamos assuntos das seguintes áreas de interesse: “Novos enfoques sobre a flexão verbal”; “Abordagem de aspectos semânticos na formação de palavras”; “Processos não concatenativos de formação de palavras”; “Mudança do estatuto de marcas morfológicas”; “Relação entre morfologia e texto”.

Esses assuntos complementam conteúdos de morfologia aprendidos no ensino médio. Lemos, em conjunto com os alunos da UFRJ, artigos, trabalhos de todas essas áreas, apontando para a produção acadêmica realizada em português atualmente. A partir do estudo dessas áreas da morfologia, pretendemos propor modificações no ensino. Temos o objetivo de expor, em futuros trabalhos, novas metodologias para o ensino de morfologia considerando o uso, o texto e levando em conta aspectos semânticos, muitas vezes desconsiderados.

Com relação à abordagem de formação de palavras focalizando aspectos semânticos são grandes referências trabalhos de Basílio (1987, 2010, 2011), Gonçalves (2012), Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), Gonçalves & Almeida (2014). No estudo de processos de formação de palavras não concatenativos, destacam-se Gonçalves (2013); Alves & Gonçalves (2014); Thamy da Silva & Lima (2011); Vialli (2013). Quanto aos novos enfoques sobre a flexão verbal, podemos citar Vivas (2010; 2011; 2014; 2015); Gonçalves (2005; 2011); Bybee (1985; 2010) e Booij (1995; 2006). Já dentro do tema mudança do estatuto morfológico, estudamos autores como Gonçalves (2005; 2011b); Affonso de Oliveira (2012) e Silva (2012).

A relação entre morfologia e texto não foi discutida amplamente no âmbito acadêmico. Desse modo, pretendemos estudar essa relação e, assim, contribuir não só para o ensino como também para as pesquisas na área. Acreditamos que há um caminho frutífero para ser descoberto na interface entre uso de marcas morfológicas e produção / leitura de textos. Dentre as possibilidades a serem investigadas, podemos citar a relação entre tempos verbais e estratégias de argumentação, narração e descrição; o uso de determinadas classes morfológicas (com seus respectivos afixos) em mecanismos de retomada textual. Acreditamos que existem padrões de interface morfologia-texto que precisam ser investigados e apresentados no ensino.

4. A necessidade de mudanças no ensino de morfologia

O estudo de morfologia, no ensino médio, costuma ser feito de forma descontextualizada. Além de não se pensar na relação entre morfologia e texto, não se abordam mudanças que ocorrem nesse componente da língua e nem se atenta para a criatividade do falante na produção de novos dados a partir de padrões que dominam. A partir da nossa pesquisa, apresentaremos novas possibilidades de práticas e metodologias no ensino de morfologia.

É fundamental apresentar no ensino médio uma abordagem que contemple descobertas feitas no âmbito acadêmico. Temos o interesse de, além de contribuir ao ensino/aprendizagem de morfologia, possibilitar novas abordagens de pesquisa que deem mais relevância a relação entre o conhecimento científico e a sala de aula. Nesse sentido, o projeto terá relevância tanto ao ensino como às pesquisas na área.

Além de ser muito relevante aos alunos o contato com uma nova abordagem sobre assuntos de português estudados no ensino médio, o estudo científico do português faz com que eles utilizem o potencial que adquiriram em outras áreas na observação de fenômenos linguísticos que ocorrem em sua língua materna. Através de um ensino que contemple pesquisas em português, os alunos podem perceber que a abordagem científica na língua exige os mesmos pré-requisitos de outras áreas: teoria, metodologia, análise de dados etc.

5. Objetivos futuros

5.1. Objetivo geral do trabalho

Existe o objetivo de identificar os problemas gerais que costumam ocorrer, no ensino médio, no ensino de morfologia e, a partir disso, propor novas estratégias/métodos que contemplem o uso e o texto. Pretendemos apresentar novas possibilidades para a abordagem de morfologia na escola que utilizem aquilo que é produzido nas pesquisas da área.

5.2. Objetivos específicos

- a) Discutir os problemas que ocorrem no ensino de morfologia;
- b) Analisar como se apresenta a morfologia nos livros didáticos focalizando como se dá a relação com o uso e o texto;

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

- c) Verificar os problemas que existem na relação entre o ensino de morfologia e aquilo que apregoam os PCN de língua portuguesa;
- d) Expor maneiras de fazer com que o ensino de morfologia se adeque aquilo que apontam os PCN;
- e) Abordar possibilidades de se efetivar um ensino de morfologia que contemple as mudanças que ocorrem na língua, a criatividade do falante e a relação com a produção / leitura de textos;
- f) Pensar em relações possíveis entre pesquisa e ensino de morfologia;

6. Metodologia

Inicialmente, discutiremos os problemas que ocorrem no ensino de morfologia. Para isso, além da experiência acadêmica e profissional dos professores pesquisadores envolvidos, faremos a avaliação daquilo que é proposto para a área de morfologia em livros didáticos. Após chegarmos a conclusões sobre aquilo que precisa ser melhorado no ensino, passaremos a estudar exaustivamente a produção científica na área a fim de começar a planejar possíveis caminhos para traçar.

Por sabermos que há diversas subáreas para serem observadas, atribuímos cada aspecto a ser olhado no trabalho a um aluno envolvido. Desse modo, um aluno deve se centrar mais especificamente nos “novos enfoques para a flexão verbal”; outro, nos processos formação de palavras não concatenativos e na contraparte semântica dos processos de formação de palavras concatenativos; um terceiro observará a mudança de estatuto dos elementos morfológicos; um quarto analisará a relação entre morfologia e texto etc.

Nas nossas reuniões periódicas, conversamos sobre as percepções de cada aluno na sua parte destinada na pesquisa. Assim, pretendemos chegar a conclusões definitivas e passar a propor novas metodologias / estratégias para o ensino de morfologia. Em outras palavras, após discutir exaustivamente os problemas e estudar aquilo que vem sendo produzido no âmbito acadêmico, temos o objetivo de pautar as nossas reuniões na produção de um novo conhecimento que seja valioso ao professor no ensino. Como investigamos os problemas, precisaremos indicar soluções efetivas para um ensino de morfologia pautado no uso e no texto. Objeti-

vamos aplicar às aulas de morfologia do IFRJ as descobertas feitas durante a pesquisa a fim de avaliar a validade das estratégias sugeridas. Essa aplicação ao ensino deverá ser feita pelo coordenador do projeto Vítor de Moura Vivas.

7. *Considerações finais*

Neste artigo, pretendemos abordar alguns aspectos que precisam ser discutidos e renovados no ensino de morfologia no ensino médio. O desinteresse dos alunos por essa área da língua se deve muitas vezes à percepção de um estudo desvinculado do uso e do texto. É mais do que necessário propor mudanças para o ensino de morfologia pautando-se nas pesquisas acadêmicas produzidas na área. Acreditamos que esse artigo pode ser uma “semente” para futuros trabalhos e pesquisas que podem ser muito “frutíferos” ao estudo na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. S.; GONÇALVES, C. A. V. O processo de formação de palavras com os splinters -nese, -nejo e -tone. *Entretextos*, vol. 14, p. 27-42, 2014.
- BASÍLIO, Margarida Maria de Paula. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, vol. 6, n. 2, 2010.
- _____. O papel da metonímia na morfologia lexical. *ReVEL*, vol. 9, n. 5, p. 99-117, 2011.
- BOOIJ, Geert. Inherent versus contextual inflection and the split morphology hypothesis. In: ____; VAN MARLE, Jaap. (Eds.), *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1996, p. 1-16.
- _____. Inflection and derivation. In: BROWN, K. et al. (Eds.), *Encyclopedia of language and linguistics*. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006, vol. 5, p. 654-661.
- BYBEE, Joan L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. 1. ed. Amsterdam; Philadelphia: John Publishing Company, 1985, vol. 9.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

_____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University, 2010.

GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, vol. 9, n. 5, p. 6-39, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_5_compostos.pdf>.

_____. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos de Linguagem*. Londrina, vol. 15, p. 169-199, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/10721/11171>>

_____; ALMEIDA, Maria Lucia L. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa: Revista de Linguística*, vol. 1, p. 165-193, 2014.

_____; _____. ANDRADE, K. E. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística*, Rio de Janeiro, vol. 6, p. 64-82, 2010.

OLIVEIRA, Patricia Affonso de. Os afixoides eco- e homo- no processo de recomposição. *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 69-81, 2012.

SILVA, Hayla Thami da; LIMA, B. C. Processos não lineares de formação de palavras: os malcomportados do português. *Revista Souza Marques*, p. 71-94, 2011.

SILVA, N. H. Agri- e agro-: a produção no campo do continuum composição-derivação. *Cadernos do NEMP*, vol. 3, p. 43-68, 2012.

VIALLI, Luciana de Albuquerque Daltio. *Reduplicação de base verbal: uma análise pela morfologia construcional*. 2013. Tese (de Doutorado em Letras Vernáculas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

VIVAS, Vítor de Moura. A instabilidade categorial do participípio passado: uma visão cognitivista. In: ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de et al. *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010, cap. 4.

_____. *Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão*. 2011. Dissertação (de Mestrado em Letras Vernáculas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.

_____. Análise de padrões não flexionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa. *Revista (Con)textos Linguísticos*, vol. 8, p. 231-242, 2014.

_____. *Abordagem de padrões derivacionais nas marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa: por uma visão gradiente da morfologia do português*. 2015. Tese (de Doutorado em Letras Vernáculas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.